

NIEZSCHE E A EXCLUSÃO DAS MULHERES?

*Cristiane Maria Marinho*¹

RESUMO

O presente artigo visa refletir sobre a discussão sobre a misoginia em Nietzsche. Faz um recorte específico na publicação mais recente do livro de Scarlet Marton, Nietzsche e as mulheres: figuras, imagens e tipos femininos e traz a reflexão de Adriana Delbó como complemento às conclusões de Marton. A questão de fundo que se coloca na abordagem do tema é a multiplicidade possível de se pensar o conservadorismo de Nietzsche em relação à emancipação feminina. A discussão aqui apresentada se justifica em virtude da importância do tema frente às lutas contemporâneas dos movimentos feministas, bem como a atual luta pela inserção da temática do feminismo no campo do saber filosófico.

PALAVRAS-CHAVE

Nietzsche; misoginia; feminismo; Marton; Delbó.

¹ É professora emérita da Universidade Estadual do Ceará e professora de Filosofia vinculada ao Mestrado Acadêmico em Serviço Social - MASS. E-mail: cmarinho2004@gmail.com.
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5436768125786693>.

Nietzsche and the exclusion of women?

ABSTRACT

This article aims to reflect on the discussion about misogyny in Nietzsche, having a specific cut in the most recent publication of the book by Scarlet Marton, Nietzsche and women: female figures, images and types, but also bringing the reflection of Adriana Delbó as a complement to Marton's conclusions. The fundamental question that arises in approaching the theme is the possible multiplicity of thinking about Nietzsche's conservatism in relation to female emancipation. The discussion brought here is justified by the importance of the theme in the face of contemporary struggles of feminist movements, as well as the current struggle for the insertion of the theme of feminism in the field of philosophical knowledge..

KEYWORDS

Nietzsche; misogyny; feminism; Marton; Delbó.

Introdução

A discussão sobre a misoginia ou não misoginia de Nietzsche pelo mundo afora é intensa. A bibliografia é extensa, os ânimos estão acirrados e as posições polarizadas. No Brasil não é diferente. No entanto, não é o propósito deste artigo animar polêmicas ou confrontar posições divergentes sobre o tema, mas sim trazer duas pensadoras brasileiras que, a meu ver, se complementam nessa discussão sobre se Nietzsche foi ou não foi misógino.

A primeira pesquisadora a ser apresentada é Scarlet Marton, com suas argumentações no seu mais recente livro publicado no Brasil, *Nietzsche e as mulheres: figuras, imagens e tipos femininos*. Não será resenha do livro, mas sim destaque da forma como a pesquisadora trata as reflexões nietzschianas sobre a mulher, sua metodologia e conclusões que, irremediavelmente, indicam um Nietzsche conservador.

A segunda pesquisadora é Adriana Delbó que vem desenvolvendo essa discussão há algum tempo e muito tem contribuído com suas argumentações que, igualmente à Marton, sempre defendem a importância e contribuições das reflexões nietzschianas para

pesquisas feministas mais contemporâneas. Ambas as pesquisadoras caminham metodologicamente na mesma direção, buscam compreender as argumentações nietzschianas a partir da própria estrutura do projeto filosófico do pensador alemão.

Marton e as ambivalências nietzschianas

Scarlet Marton, em seu mais recente livro, *Nietzsche e as mulheres: figuras, imagens e tipos femininos*, analisa as ambivalências presentes nas considerações do filósofo a respeito das mulheres a partir da estrutura filosófica de sua obra, tendo como objetivos

Examinar as imagens das mulheres que o filósofo constrói e os papéis que lhe atribui, indagar de que modo ele recorre à tipologia em suas análises das figuras femininas, inquirir a respeito das personificações femininas de entidades abstratas que cria, perguntar acerca das posições que assume sobre as mulheres que querem emancipar-se, investigar as razões que o levam a combater frontalmente as intelectuais (MARTON, 2022, p. 15).

Para a pesquisadora, as considerações nietzschianas sobre as mulheres não são passagens marginais, notas pessoais ou meros desvios das principais diretrizes da obra do filósofo, mas sim parte constitutiva de seu edifício filosófico e seus temas principais, e dentre eles, cita: o perspectivismo, o experimentalismo, a crítica da metafísica, a luta contra o dogmatismo, a psicologia, a tipologia, os espíritos livres, os filósofos do futuro, a vontade de verdade, a ideia de interpretação, o conceito de vontade de potência, a noção de força, o eterno

retorno do mesmo, o amor *fati*, as “ideias modernas” e a *decadence*. (Cf. MARTON, 2022).

Nessa perspectiva, Marton desenvolve todos os capítulos do seu livro, que apresentam a temática mais ampla e, em seguida, expõem e discutem as questões relativas às mulheres a partir do tema filosófico mais amplo desenvolvido inicialmente. Esse exercício de análise exegética e leitura imanente dos textos, metodologia escolhida pela autora, circunscreve-se, predominantemente, aos aforismos dos seguintes livros: *Humano, demasiado humano*; *Gaia ciência*; *Assim falava Zaratustra*; *Para além do bem e do mal*; e *Crepúsculo dos ídolos*.

O primeiro capítulo, “Algumas mulheres: emancipadas, mães, solteironas”, inicialmente, esboça o quadro teórico sobre natureza humana, fisiologia e psicologia, a partir do qual serão discutidas as questões sobre as mulheres dentro do âmbito da distinção entre feminino e masculino. Para Nietzsche, estas não seriam meras diferenças biológicas, não são meras objetividades científicas positivistas, pois a realidade não se reduz a fenômenos e fatos, mas se constituem sim como interpretações:

Da perspectiva nietzschiana, não há, pois, fato biológico que já não apresente como uma interpretação de um suposto fato biológico. Daí decorre que não se pode entender as diferenças sexuais simplesmente como dados da natureza; é preciso inscrevê-lo num quadro histórico. Ignorar a determinação cultural das diferenças sexuais implica, no limite, acreditar na natureza humana e, com isso, comprometer-se com o pensar metafísico (MARTON, 2022, p. 18).

Para Nietzsche, não faz sentido a ideia de natureza humana, pois configuraria uma visão metafísica e antropocêntrica e não levaria em conta a importância de “serem o domínio inorgânico e a vida orgânica constituídos por forças que agem e resistem umas em relação às outras” (MARTON, 2022, p. 18). Da mesma forma, a ideia de natureza humana revelaria “um defeito hereditário dos filósofos”, lembra Marton, quando se refere ao aforismo nietzschiano de *Humano, demasiado humano*, o qual afirma que a perda do sentido histórico finda por se tornar uma aceitação de uma verdade eterna forjada pela religião ou pela política (Cf. NIETZSCHE, 1978, p. 92).

Contudo, masculino e feminino não seriam meras construções culturais, não se trata de substituir a explicação biológica pela cultural, pois a lógica dualista inviabiliza novas perspectivas: “Para combater a distinção entre diferenças biológicas e construções culturais, é preciso reverter e ultrapassar o dualismo milenar entre corpo e alma” (MARTON, 2022, p. 19), como fica claro em *Assim falava Zaratustra* ao se referir aos desprezadores do corpo.

Nietzsche busca ultrapassar as concepções metafísicas-religiosas que desconhecem a fisiologia. Assim, não há como separar consciência e corpo, sendo este um “complexo de impulsos em permanente combate” (MARTON, 2022, p. 21). O filósofo alemão trata os

processos básicos da vida tanto do ponto de vista da fisiologia quanto do ponto de vista da psicologia. Marton (2022) lembra, ainda, que na *Genealogia da moral* ele “[...] concebe a fisiologia como o que determina de modo somático os seres humanos, ou seja, os seus afetos; são esses afetos que levam os homens a se submeterem aos valores estabelecidos ou a criarem novos valores” (MARTON, 2022, p. 22), surgindo com a psicologia a necessidade do questionamento do valor dos valores e rompendo com a metafísica no exame das questões morais, os quais passam agora a serem vistos no quadro histórico e não mais a partir da alma:

Certo de que todas as formas orgânicas tomam parte no pensar, no sentir e no querer, o filósofo investiga a condição fisiopsicológica dos seres humanos. Considerando o cérebro um enorme aparelho centralizador, ele defende a ideia de que entre físico e psíquico não existe distintivo fundamental (MARTON, 2022, pp. 24-25).

Portanto, para Marton, é no âmbito desse quadro teórico que se situam as reflexões de Nietzsche sobre as mulheres. Assim, “as diversas concepções historicamente situadas do feminino e do masculino são ditadas pela condição fisiopsicológica de indivíduos que pertencem a certo grupo social num determinado momento” (MARTON, 2022, p. 25), como elaborações culturais. Esses indivíduos estabelecem valores que, incorporados à sua condição fisiopsicológica, os transformam. “Desse modo, em suas diversas expressões, o masculino e o feminino convertem-se numa segunda natureza, que também está em constante mutação” (MARTON, 2022, p. 25).

Marton observa que essa constante mutação também se explica pela relação entre fisiopsicologia e a tipologia estabelecida nos textos do filósofo que questiona o essencialismo, os princípios de unidade, identidade e permanência que caracterizam a ideia de um ser humano como uma totalidade independente, completa, permanente e unitária. Diversamente, Nietzsche o concebe

como uma configuração pulsional que se apresenta sob diversas formas. A noção de “tipo” vem designar cada uma dessas formas, caracterizadas por traços distintivos recorrentes. A determinação de diferentes condições fisiopsicológicas leva a estabelecer diferentes tipos, que, embora não sejam imutáveis, têm certa duração no tempo (MARTON, 2022, p. 25).

Então, Marton (2022, p. 26) compreende as considerações do filósofo sobre o feminino: “Considerando o masculino e o feminino como uma segunda natureza em permanente mudança, Nietzsche põe em cena várias configurações do feminino” e assim a autora apresenta e analisa essas figuras femininas em seu livro, a partir de uma leitura imanente dos textos nietzschianos, buscando compreender esses tipos no contexto mais amplo do pensamento do filósofo. É possível vislumbrar esses tipos abordados por Marton já no sumário do seu livro quando mapeia os tipos, figuras e imagens de mulheres encontradas nos textos de Nietzsche: emancipadas,

mães, solteironas, esposas, concubinas, artistas, atrizes, a sabedoria, a vida, a eternidade, feministas, dogmáticas, escritoras, intelectuais.

Dessa forma, Marton se distancia de interpretações que elegem a vida privada de Nietzsche para analisar as reflexões dele em torno das mulheres. Segundo essa intérprete, “longe de revelar dados biográficos, os textos de Nietzsche expressam antes de tudo suas posições filosóficas” (2022, p. 41) que, por intermédio dos aforismos, procede a uma análise psicológica para conhecer o homem, mas sem ter como recurso uma natureza humana universal. É verdade que Nietzsche foi ambivalente no trato com as mulheres, manteve ótimas relações com mulheres emancipadas, mas também as criticou fortemente em seus textos. Contudo, para Marton, as ambivalências que lhe interessam estudar, por fazerem parte da filosofia de Nietzsche, “são as que se encontram nos seus próprios textos”.

O quadro teórico nietzscheano, inicialmente apresentado no segundo capítulo, “Certas mulheres: esposas e concubinas”, analisa o estilo aforismático, ao qual Nietzsche adere a partir do *Humano, demasiado humano*, como essa nova forma de escrita é também acompanhada de uma nova forma de expressão de conteúdo e como isso impacta nas observações nietzschianas sobre as mulheres.

Nessas inovações, o filósofo teria aderido aos moralistas franceses² que não seguiam o pensamento sistemático, se expressavam por sentenças e máximas curtas e eram marcados pelo conhecimento histórico. Diz Marton (2022): “Nos moralistas franceses, Nietzsche encontra alimento para suas reflexões morais. Em vez de buscar algum princípio transcendente para a conduta do homem, eles procuram estudá-lo tal como é” (p. 48). Os moralistas analisam a conduta humana a partir do ponto de vista terreno, contingente, da desordem e das paixões humanas. E, mais importante, Nietzsche distingue moralistas de moralizadores, tal como ele afirma em *Andarilho e sua sombra*, no segundo volume de *Humano, demasiado humano*. Nessa conjuntura mais ampla do pensamento nietzschiano, Marton investiga a figura da mulher, detendo-se, longamente, no capítulo “A mulher e a criança”, do primeiro volume dessa obra, e desdobrando a concepção de espírito livre.

A pesquisadora ressalta a contraposição entre espírito livre e espíritos submissos: “Enquanto aquele se liberta da tradição e das crenças e se livra das maneiras de pensar e agir habituais, este permanece vítima da dependência dos princípios intelectuais tradicionais e da submissão às normas de condutas usuais” (MARTON, 2022, p. 53). A liberdade do espírito livre caracteriza-se, também, pela experimentação que tem no experimentar no pensamento “o

² Montaigne; La Rochefoucauld; La Bruyère; Fontenelle; Vauvenargues; Chamfort

perseguir uma ideia em seus múltiplos aspectos, abordar uma questão a partir de vários ângulos de visão, tratar de um tema assumindo diversos pontos de vista, enfim, refletir sobre uma problemática adotando diferentes perspectivas” (MARTON, 2022, p. 53). Portanto, uma posição crítica do pensamento dogmático e da vontade de verdade.

É nesse leque mais amplo da noção de espírito livre que Marton vai destacar a incompatível relação entre espírito livre e casamento, discussão presente em *Humano demasiado humano*. Com esse objetivo, a pesquisadora se detém atentamente na análise do capítulo “A mulher e a criança”, enlaçando as noções de perspectiva, espírito livre, espíritos submissos, pensamento antidogmático com a figura da mulher no casamento. Essa análise realça os aspectos da discussão nietzschiana da incompatibilidade do convívio entre as mulheres e o espírito livre, o qual prefere viver sozinho e voar livremente. Isso só é possível aos espíritos que não se submetem às regras, às imposições e não têm medo de mudar de perspectiva. Nesse sentido, não há nada mais contrário à liberdade do espírito livre do que o casamento.

Ainda se referindo ao capítulo “A mulher e a criança”, Marton mostra que Nietzsche, além de ressaltar a distância entre as mulheres e os espíritos livres, também mostra que há uma contundente subserviência feminina e uma ausência e reflexão que as fazem felizes. É assim, que se tornam dependentes dos homens, reféns de suas expectativas que acabam por moldá-las, pois buscam realizar a imagem de mulher idealizada pelos homens.

Contudo, não é simplesmente por um amor idealizado que as mulheres se submetem, diz Marton interpretando Nietzsche, e sim “porque querem exercer o poder sobre os homens. Mas o hábito de ter o amor sempre em alta conta as leva a esquecer que o idealizaram” (MARTON, 2022, p. 62). Essas observações correspondentes ao parágrafo intitulado “Amor”, portanto, também estão conectadas com a questão nietzschiana das relações de poder presentes nas relações humanas.

Entretanto, essa submissão da mulher em Nietzsche é histórica, não é natural, pois não há no pensamento do filósofo uma noção de natureza feminina, uma essência de mulher. E nem poderia haver, porque, para Nietzsche, não existe uma natureza humana, algo absolutamente contrário à sua filosofia antiessencialista e antimetafísica, pois Nietzsche:

[...] recusa toda pesquisa que vise estabelecer verdades definitivas; investiga os processos constitutivos dos pensamentos e das ideias. No capítulo “A mulher e a criança”, empenha-se em desenvolver uma espécie de história da condição feminina. Durante milênios, as mulheres tiveram de se submeter aos homens, de sorte que se habituaram a desaprovar ‘toda rebeldia contra o poder público’. Tendo feito há muito tempo a experiência da submissão a todos os senhores, incorporaram o respeito pelas maneiras de agir habituais. Por isso, mesmo que respeitem os maridos, elas têm ainda em mais alta estima tudo o que é reconhecido pela sociedade (MARTON, 2022, p. 63).

Marton chama a atenção para a existência dos fortes contrastes no capítulo “A mulher e a criança” e isso devido às “diferentes configurações do feminino com que Nietzsche opera” (MARTON, 2022, p. 69). Ou seja, dentre outras, estão presentes aí: a mulher perfeita; as concubinas; a que contribui no progresso intelectual do marido e na educação dos filhos; as carpideiras; a mãe; a sustentada pelo marido. E quase todas significam empecilho para o espírito livre dos homens. E finaliza esse segundo capítulo chamando a atenção para o título “A mulher e a criança”, o qual considera muito revelador de uma efetiva subserviência da mulher, posto que são dois substantivos postos lado a lado, dando a entender que a mulher e a criança ocupam a mesma condição no contexto social e que, portanto, “nem uma nem outra poderão igualar-se ao homem. Quer mostrar ainda que o domínio de atividade da mulher se restringe ao lar; a ela cabe acompanhar o esposo e cuidar dos filhos”. Marton considera essas ambivalências próprias ao pensamento de Nietzsche, indicando seu lado conservador e portador de uma possível misoginia.

No terceiro capítulo, “Diversas mulheres: artistas e atrizes”, Marton prossegue com a mesma sistemática metodológica, qual seja, de refletir sobre as figuras femininas de Nietzsche a partir das ideias mais amplas de seu projeto filosófico. Assim, inicia o capítulo com o exame da *Gaia Ciência*, principal livro de referência na análise desse capítulo, ressaltando que será somente nessa obra que “aparecerá com clareza a estreita relação entre o empreendimento filosófico de Nietzsche e suas reflexões sobre as mulheres” (MARTON, 2022, p. 71). Marton observa que, tal como em outros livros,

[...] ao se dispor a tratar da emancipação feminina, Nietzsche elege como alvo de ataque as concepções metafísicas e, ao combatê-las, apresenta pelo mesmo movimento um dos traços essenciais de seu projeto filosófico: o que consiste em ‘reconverter o homem para a natureza’. Ao tratar das mulheres na sequência de parágrafos da *Gaia Ciência*, ele se volta para os realistas e, ao criticá-los, procede da mesma maneira (MARTON, 2022, p. 75).

Para o filósofo, é necessário naturalizar o ser humano, sua dimensão animal, passional, impulsiva e afetiva. Ao criticar a crença na objetividade e no antropocentrismo, defende a ideia de que o conhecimento é interpretação e que homem e mundo não são oponentes. Diz Marton, “tendo apresentado o seu projeto filosófico, ele se lança na sua investigação acerca das mulheres” (MARTON, 2022, p.75). Na sequência dos aforismos, de modo ambivalente, aqui usando os termos de Marton, a necessidade da defesa do pertencimento do homem à natureza é logo exemplificada com a apresentação da repugnância, do ódio e do nojo que os homens sentem pela menstruação feminina, quando a consideram um processo impuro e rejeitam o que há de natural nessa função orgânica: “Tal procedimento revela, por um lado, que os homens que amam têm uma imagem idealizada das mulheres e não podem aceitar a ideia de que a

natureza venha contradizê-la” (MARTON, 2022, p. 75).

Contudo, da mesma forma, os devotos também têm uma imagem idealizada de Deus. Ambos, amantes e devotos, julgam ter a posse das mulheres e de Deus, respectivamente, e, por isso, pensam que a natureza ofende a Deus e à mulher idealizada. Os artistas, por sua vez, também seriam propensos a caírem nas armadilhas das convicções antinatureza, preconceitos e pré-juízos, mas não podem abrir mão do fantástico. Para Nietzsche, todos esses preconceitos poderiam ser resolvidos pela ciência que substituiria Deus, preconceitos e idealizações. Entretanto, “não se trata, porém, de substituir os objetos de apreço dos crédulos, seja Deus, sejam as mulheres amadas, pela busca da verdade. Pois, de aliada, a ciência se converteria em adversária. [...] base da ciência, a incondicional vontade de verdade, além de moralizá-la, acaba por torna-la cúmplice da metafísica” (MARTON, 2022, p.79).

Nietzsche analisa essa idealização realizada pelos homens no amor e na convivência com as mulheres, bem como as dificuldades masculinas de se libertarem dessas fantasias. A educação poderia ser uma forma de melhorar o relacionamento entre homens e mulheres, fazendo com que cada um compreendesse melhor os seus respectivos papéis. É este parágrafo, 71 da *Gaia Ciência*, ao qual Marton se refere e também do qual faz uma interpretação diferente da de Nietzsche: “Se é preciso cuidar da educação dos homens, não é para leva-los a se relacionar de outro modo com as mulheres, mas para fazer com que as mulheres se ponham em consonância com os desejos dele” (MARTON, 2022, p.83).

Para essa intérprete de Nietzsche, não há efetivo interesse de mudança nas relações entre homens e mulheres por intermédio da educação, mas sim um fortalecimento da submissão feminina aos homens, principalmente pelo reforço e realização concreta da imagem de mulher idealizada pelo homem. Para Marton, essa faceta conservadora de Nietzsche é real e está muito bem representada em uma frase do parágrafo 68 do Segundo livro da *Gaia Ciência*: “[...] o homem cria para si a imagem da mulher, e a mulheres cria conforme essa imagem”. E isso na medida em que as mulheres só são artistas quando são atrizes, conforme Nietzsche, ou seja, “na medida em que se conformam às imagens que os homens delas constroem” (MARTON, 2022, p.84).

As mulheres são, portanto, simulações de si mesmas (cf. parágrafos 66,67 e 68 do Segundo livro da *Gaia Ciência*): “Na versão de Nietzsche, a imagem da mulher surge no momento em que o homem engendra novos ideais; portanto, é o próprio homem que, por imposição, define o que considera feminino” (MARTON, 2022, p.88).

Nos três últimos capítulos do livro de Marton, quero ressaltar, principalmente, a posição da autora em relação à uma suposta misoginia em Nietzsche. Sugestões que já vinham se

delineando nos capítulos anteriores e que a partir do quarto capítulo vai se explicitando num crescente até o final do livro. A autora, contudo, nunca usa a palavra misoginia, mas sim as palavras conservadorismo, conservador e outras semelhantes, ao se referir às posições de Nietzsche em relação às mulheres. Posição essa que hoje chamaríamos de machismo ou mesmo misoginia. Realçaremos a seguir algumas dessas passagens no livro de Marton.

Esses capítulos seguintes que compõe o livro *Nietzsche e as mulheres ...* seguem a mesma direção metodológica de analisar a discussão nietzschiana sobre as mulheres no âmbito mais amplo do seu projeto filosófico. O quarto capítulo, “Outras mulheres: a sabedoria, a vida e a eternidade”, centraliza a investigação na obra *Assim falava Zaratustra* a partir de importantes noções dessa obra. A autora se detém fortemente nas figuras da sabedoria, da felicidade e da eternidade que são concebidas como mulheres por Zaratustra, o qual desenvolve uma cumplicidade com a sabedoria; dança com a vida; e declara seu amor à eternidade. Nesse sentido, gostaria de citar uma passagem de Marton que, ao meu ver, explicita e demarca a compreensão da autora sobre o “conservadorismo” do filósofo em relação às mulheres:

O que conta nesse momento da investigação é sublinhar uma vez mais que as imagens da mulher que Nietzsche associa à vida à sabedoria são bem distintas daquelas que alia às mulheres humanas, demasiado humanas. Ele concebe a sabedoria de Zaratustra como descuidada, zombeteira, violenta, mutável, obstinada: encara a vida como cativante, sedutora, tentadora, mutável. Rebelde, a sabedoria de Zaratustra não se submete aos valores estabelecidos. Feiticeira, a vida esconde ouro em seu seio. Em compensação, Nietzsche entende que as mulheres humanas, demasiado humanas, estão destinadas à procriação e são feitas para obedecer aos maridos e cuidar de filhos (MARTON, 2022, p. 127).

Depois de ter apresentado várias passagens de *Assim falava Zaratustra*, intercalando com outros livros, que apresentam as mulheres como subordinadas na ordem social, submissas nas relações amorosas, sem autonomia nas relações matrimoniais, mas também fortes e determinadas, Marton pondera que essas ambivalências não são só de Zaratustra, mas também do próprio filósofo: “[...] quando se compara a maneira como Zaratustra concebe as mulheres humanas, demasiadas humanas, e as que são suas bem amadas, que as ambivalências nada mais fazem do que pôr em evidência as ambivalências de Nietzsche” (MARTON, 2022, p. 133).

Ou seja, a pesquisadora conclui que as posições conservadoras não fazem parte tão somente de um estiloso feito aos moldes dos moralistas franceses, ou uma forma de mostrar como os valores são expressos na sociedade de valores metafísicos, mas sim e também expressão de um conservadorismo do próprio Nietzsche. Sobre essas considerações, acreditamos que é plausível nos perguntarmos se nesse conservadorismo não caberia a misoginia.

O quinto capítulo, “Aqueles mulheres: feministas e dogmáticas”, trata

predominantemente de uma sequência de parágrafos (230 a 239) de *Para além de bem e mal*. Igualmente aos capítulos anteriores, inicia a apresentação do projeto filosófico de Nietzsche, especialmente as críticas às concepções metafísicas, para se deter, a partir dessa crítica, na questão da mulher emancipada e as ambivalências que marcam o texto nietzschiano: “Tudo se passa como se ele começasse por se dispor a expor as *suas* verdades acerca das mulheres que querem emancipar-se no parágrafo 231 e terminasse por criticá-las duramente por abrirem mão das próprias verdades no 239” (MARTON, 2022, p. 138).

Na sequência dos parágrafos assinalados acima, a maior parte do tempo Nietzsche oscila entre o ataque à emancipação feminina e às concepções metafísico-filosóficas. Ataques esses que acabam por constituir um único alvo, pois, para o filósofo, a busca da afirmação da “mulher em si”, ao querer afirmar o gênero e teorizar sobre conceitos, as mulheres se comprometem com o pensamento metafísico, e, segundo Nietzsche, quando renunciam à mentira, à aparência e à beleza, passam a valorizar o que o pensamento sério e pesado, igualmente os filósofos dogmáticos. Contudo, Marton mais uma vez questiona a isenção do pensamento do filósofo:

Mas, à diferença dos filósofos dogmáticos, as mulheres que procuram emancipar-se não se põem a serviço da verdade. Não há dúvida de que Nietzsche não aceita que as mulheres de sua época busquem esclarecer “a mulher em si”, não admite que façam da mulher uma questão digna de exame e até, ao que parece, não tolera que se voltem para a filosofia ou se dediquem ao trabalho reflexivo (MARTON, 2022, p. 146).

O questionamento, por parte de Marton, da isenção de certo conservadorismo do pensamento nietzschiano continua mais adiante ao lembrar que, naquela sequência de parágrafos, não há somente uma estratégia metodológica e sublinha os seguintes aspectos: “ainda que lance mão do feminino para atacar a filosofia dogmática, ainda que dele se sirva com propósito estratégicos, a imagem da mulher, que deixa transparecer nessa sequência de parágrafos de *Para além de bem e mal*, é, sem dúvida, das mais tradicionais” (MARTON, 2022, p. 151).

Depois de apresentar toda a argumentação nietzschiana sobre como a uniformização de rebanho está presente no ideal da igualdade moderna potencializada pela sociedade industrial e de que a emancipação feminina levaria a um movimento de regressão das mulheres, Marton encerra esse quinto capítulo reforçando sua posição sobre o conservadorismo do filósofo: “Defendendo uma ideia conservadora da relação entre os homens e as mulheres, critica duramente as que querem emancipar-se. Não hesito, pois, em afirmar que, quando se trata de emancipação feminina, Nietzsche não se mostra de modo algum ambivalente” (MARTON, 2022, p. 163). Ou seja, o filósofo tem uma posição clara de proceder e defender a exclusão das mulheres da vida pública.

O sexto e último capítulo, “Raras mulheres: escritoras e intelectuais”, retoma a questão da igualdade sob a luz do esfacelamento da necessária hierarquia e que resultou, na modernidade, na *décadence*. A modernidade decadente criou o fim da escala de valores com a luta pela igualdade de direitos e “ao lutar justamente pela igualdade de direitos, o movimento de emancipação feminina nada mais é do que uma manifestação da *décadence característica da modernidade*” (MARTON, 2022, p. 173). E concluindo o capítulo, Marton afirma o inegável conservadorismo do filósofo:

Promovendo uma imagem tradicional da mulher, Nietzsche expõe com clareza, uma vez mais, o que pensa da emancipação feminina. Quando se trata das mulheres que escrevem livros e intervêm em domínios outrora reservado unicamente aos homens, estou em condições de afirmar que ele não hesita em aderir à prática da exclusão tão característica da filosofia dos tempos modernos (MARTON, 2022, p. 194).

Delbó e a derrocada dos ideais impostos para as mulheres

Em seu artigo intitulado “Sobre a utilidade das verdades de Nietzsche a respeito das mulheres”, Delbó busca trazer múltiplos aspectos da relação entre o filósofo e as mulheres presente em sua obra, bem como mostrar a contraposição que Nietzsche estabelece entre as mulheres e a tradição masculina, a qual está sempre definindo e determinando o que é a mulher e o que é o feminino. Essa pesquisadora também sempre realça em suas pesquisas as perspectivas fornecidas pelo pensamento do filósofo para potencializar o feminismo contemporâneo e dismantelar as categorias morais reféns da cultura masculina.

Dessa forma, é importante compreender os aforismos nietzschianos que tratam sobre as mulheres a partir de sua própria obra filosófica, do contrário é possível se incorrer no erro da afirmação da misoginia no filósofo:

Com cenas, ironias, imagens, quebra de imagens, tipologias, avalio que Nietzsche empreende confrontos provocativos às compreensões e convicções já alicerçadas sobre a mulher e as mulheres. No vão que sobra, entre os incômodos e/ou risos provocados por sua escrita, muitas vezes cai por terra aquilo que estava fixo. Não ocorre a substituição de ideias. Não surge uma nova definição. Mas na contraposição, nas complementações, nas dúvidas, em meio a muitos incômodos promovidos pelo seu estilo de escrita, sobra bastante espaço para que as desconstruções operem (DELBÓ, 2021, p. 97).

Ao se referir ao curto aforismo 28 de Máximas e Flechas, em Crepúsculo dos Ídolos, “se a mulher tem virtudes masculinas, há que fugir dela; se não tem virtudes masculinas, ela mesma foge”, Delbó reflete sobre a importância das imagens que os aforismos trazem e as conexões entre eles. E, para essa pesquisadora, é nesse sentido que também ocorre com as ideias de mulheres nos aforismos. Não é possível chegar à uma conclusão definitiva apenas com a

leitura do conteúdo do aforismo, pois “outros precisam intervir, porque, afinal, na obra de Nietzsche não há verdades sobre as mulheres, mas as perspectivas dele sobre o que a tradição foi tornando mulher” (DELBÓ, 2021, p. 105). Ademais, acrescenta, “junto às verdades construídas pela tradição para as mulheres, Nietzsche, lança outras, contrárias a ela, pois não pode ser que a mulher seja tão somente tudo o que a cultura masculina ergueu nela” (DELBÓ, 2021, p. 97). Assim, as outras imagens sucessivas criadas por Nietzsche não buscam uma nova definição, mas busca “fazer ser notado o que a cultura tenta suprimir, mas segue se dando” (DELBÓ, 2021, p. 105).

Delbó faz uma instigante reflexão sobre “a mulher em si” nietzschiana, já comentada acima na perspectiva de Marton. Para a pesquisadora, a “mulher em si” não se faz necessária para as mulheres, pois não ceder à essa ideia essencialista de cunho platônico requer movimento e “não ter como única opção a adesão, o acoplamento, a identificação, a reprodução”. Assim, Delbó pensa para os possíveis desdobramentos da ação de não ceder à forma da “mulher em si”:

Tal compreensão implica também numa disposição moral/psíquica para, neste mesmo movimento de afastamento da moralidade hegemônica, elaborar uma virtude própria. Neste sentido, a imoralidade precisa ser reconhecida como instância de liberação. Não ser contaminada e enredada pela metafísica, o que exigiria fixidez, fidelidade, moralidade, é o que permite interpretar, sem se comprometer com a moral que não lhe pertence. Há relações de força em jogo, não uma disputa necessariamente decidida previamente, mas pelo funcionamento de uma interpretação que alcança lugar e seja capaz de criar (DELBÓ, 2021, p. 110).

Diante de todas essas perspectivas, interessa à Delbó (2021, p. 114) saber “se uma cultura feminina pode ser iniciada enquanto a mulher não existir”, ou seja, até quando a mulher existirá como a realização da idealização masculina, pois a crítica de Nietzsche às elaborações intelectuais da mulher findou por “a esclarecer a ‘mulher em si’ para o homem”. Ou seja, o duro golpe está em desvendar o equívoco da crença na emancipação, pois “afinal, enquanto reivindicação de mulheres, ela ainda é uma resposta dada aos homens. Quem recebe a resposta é o mesmo que provoca a necessidade de que ela seja dada. Os homens nunca saíram do horizonte” (DELBÓ, 2021, p. 114). Por fim, podemos pensar na possibilidade de transvalorações, mas que não sejam como reflexos de espelhos estilhaçados, pois como afirma Delbó: “O poder de conceder direitos ainda é poder. E a necessidade de gritar ele diz de um tanto de falta de poder” (2021, pp. 114-115).

Conclusão

Para Marton, Nietzsche é conservador em relação à emancipação feminina, promove

uma imagem tradicional da mulher ele e não hesita em aderir à prática da exclusão da mulher no espaço público e nas atividades não domésticas, defendendo uma ideia conservadora da relação entre os homens e as mulheres. Ou seja, a pesquisadora conclui que as posições conservadoras do filósofo não fazem parte somente de um quadro de ambivalências teóricas para questionar os valores metafísicos, mas sim e também expressão de seu próprio conservadorismo. Talvez aí coubesse a pergunta se nesse conservadorismo não caberia a misoginia.

A pesquisa de Delbó traz o termo misoginia, ausente na pesquisa da Marton, porque é um termo relevante para o feminismo contemporâneo. Detectar os resquícios de misoginia é importante para combatê-los. Mas o tema da mulher na filosofia do Nietzsche merece ser estudado com o mesmo afinco que os outros temas, pois o ganho para o movimento feminista não é acusação do título de misógino, mas a derrocada dos ideais impostos para as mulheres. E, nesse sentido, a filosofia de Nietzsche tem muito a contribuir.

Não se trata aqui de responder encerrando a discussão sobre a existência ou não de uma misoginia em Nietzsche tomando parte de um dos lados da questão, mas sim contribuir para a diversidade possível de respostas ou reflexões sobre a questão levantada. Pensar em que cada uma das pesquisas pode contribuir com a emancipação feminina e a construção da transvaloração de valores que possibilite a afirmação da mulher e não a sua exclusão ou até mesmo uma inclusão consentida nos moldes de quem a concedeu.

REFERÊNCIAS

DELBÓ, Adriana. Sobre a utilidade das verdades de Nietzsche a respeito das mulheres. In: *Modernos & Contemporâneos*, Campinas, v. 5, n. 12., jul./dez., 2021. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/modernoscontemporaneos/article/view/4631/3510>.

Acessado em 10/05/2022

MARTON, Scarlett. *Nietzsche e as mulheres: Figuras, imagens e tipos femininos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. (Filô)

NIETZSCHE. *Nietzsche: obras incompletas; seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho; posfácio de Antônio Cândido de Mello e Souza*. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).